

UNIÃO DA MOCIDADE REPUBLICANA

«Modelai-vos primeiro, se quereis modelar depois a sociedade».

JAIME CORTEZÃO.

Vão longe, não sei se felizmente, os tempos em que a missão do orador político era arrancar aos auditórios as scentelhas formidáveis que iriam atear a fogueira redentora das revoltas e motins, espalhar a pólvora que viria a ser explosão, um dia. Hoje, porém, realizada a revolução política, conseguida a fórmula a que todos aspiravam, idealmente, é preciso que saibamos erguer a voz nestas assembleias, com a clareza que é o apanágio da cultura, e a serenidade que é a glória da força.

O nosso papel, o desta geração republicana que estais ouvindo, é outro, bem diferente daquele que desempenharam como souberam e puderam os homens da revolução.

Responsabilidades bem graves, bem duras, pesam sobre os novos de hoje. As gerações passadas agitaram à luz do ideal ardente a bandeira vermelha da revolta; abriram para os ventos desordenados que então sopravam sobre as formulas políticas em decadência e ruína, as suas palavras como fogo e lava. Mas passadas as horas da luta, horas de perigo incerto, horas de febre, — êles, que não haviam cultivado mais do que o sentimento republicano, sem cuidarem talvez que, acima dêsse, é mister que vibre a inteligência construtora das democracias, viram-se a braços com as maiores dificuldades, e não puderam, ainda que o desejassem, conjurar os perigos, e destruir os erros. Não é uma censura, o que eu dirijo a êsses paladinos generosos mas verbalistas! eu, republicano e moço, apenas sei admirar-os na sua sinceridade arrebatadora, e ao mesmo tempo lamentar-os na sua ingenuidade imprevidente.

Nunca foi talvez, em Portugal, mais difícil, mais espinhosa esta missão de propaganda democrática; nunca, sobre um homem que pretenda erguer uma voz consciente, foram tamanhas as responsabilidades resultantes duma profissão de fé republicana.

E' que são tantos os erros praticados, tantas as desilusões, tantos os intransigentes adversários da doutrina democrática — que bem sereno e bem

forte tem de ser aquele que traga até às multidões uma palavra de apostolado, uma expressão de confiança nas instituições republicanas.

Festeja hoje um pouco tardiamente, a mocidade, a data do 31 de Janeiro. Trata-se de uma comemoração, com as suas palavras de saúde e de fé. Trata-se de afirmar, à volta da recordação dessas horas de combate — as primeiras horas de combate republicano — um conjunto de ideias e convicções políticas. Por mim, não vejo nas comemorações desta natureza vantagem, que não seja a de reacender um pouco a chama leve dos ideais. Que m'o perdoem os que morreram e os que ainda vivem, e aquêles que deram o seu sangue pela obra de pureza que sonhavam: Hoje, vão tão depressa os dias, que, a cada instante que passa, o homem pergunta a si mesmo que obra realizou na vida, que obra lhe falta realizar ainda. Não podemos — não devemos — ficar-nos pelo caminho olhando o que passou. A vida é implacável! Quem quizer realizar o milagre, que não olhe para traz. Olhos postos no horizonte, é preciso marchar, marchar incansavelmente. Os que tombaram, lutando, cumpriram o seu dever. A nós, que ainda estamos de pé — cumpre-nos avançar *enquanto é tempo!*

Na verdade, a melhor forma de honrar a memória dos heróis, é trabalhar para a realização dos seus ideais. Lançadas, em Portugal, as bases do regimen republicano, produto duma longa e ardente propaganda favorecida aliás pela falência miserável do monarquismo constitucional — falta-nos, como escreve um grande espírito da nossa terra, criar «uma *elite* política e científica com força bastante para enquadrar a massa e torná-la digna, finalmente, da gloriosa história dos seus avós. Eis, nessas palavras, realmente desenhada a face política da questão portuguesa. E' perante êste problema fundamental — criação das *elites* políticas e pensantes — que a mocidade portuguesa tem de agir e reagir.

Posta esta afirmação, que contem todo um programa, tomarei a liberdade de acentuar que as pa-

lavras que digo são a tradução fiel dum pensamento livre; não representam um programa, ou um modo de sentir colectivo da *U. M. R.*, mas simplesmente opiniões individuais que defendo e mantenho. Para nós, o problema grave, o problema basilar da política, na hora presente, não é o problema das repúblicas ou das monarquias; não é o problema da corôa ou do barrete frigio. Na verdade, ninguém hoje duvida um instante de que as tendências, as necessidades, as aspirações dos povos, a fisiologia social, em suma, *exigem* o estabelecimento sólido das instituições democráticas, geralmente sob a forma republicana.

E' já, agora, um logar comum apontar que pouco a pouco vão desaparecendo da velha Europa tradicionalista as cabeças coroadas e que as repúblicas surgem por toda a parte a dar satisfação às tendências renovadoras desta hora.

Mais seguros ainda do que este indício (porque nem sempre, infelizmente, as formas republicanas sabem moldar as mais perfeitas instituições democráticas), outros surgem: é, por um lado a pacífica revolução que se opéra nas tradições políticas da Inglaterra onde o trabalhismo — estruturalmente socialista — está ocupando o poder, é por outro a Rússia enigmática onde, de salto, se passa das mais arcaicas instituições, para a mais radical das organizações sociais.

E ainda, facto de transcendente importancia que quero lembrar aos republicanos que me ouvem — são os próprios conservadores, os que exigem o regresso às formas políticas tradicionais, que, obrigados a ceder à pressão da hora que estamos vivendo, procuram basear o seu monarquismo em organizações sociais inspiradas nos sistemas avançados...

Eis, em breves termos, demonstrada esta verdade: o problema do momento não é o problema dos regimes: é o da organização da democracia; sindicalismo, socialismo, bolchevismo — tudo são fórmulas que procuram, na desorientação deste século, traduzir cada vez melhor e mais exactamente os justos ideais da democracia. Não bastou proclamar que os homens eram livres e, perante a lei, todos iguais. O mal não estava só nas monarquias — está muito na própria natureza humana. E assim, o individualismo que nos arrastou à tirania dos capitais, dos interesses, da esperteza dos que sabem acumular riquezas, tinha de ser moderado, regulado, em prol dos interesses gerais da Humanidade.

Desta maneira, surge ao presente para nós a necessidade de garantir seguramente as ideias da democracia — na política, na economia, na administração, criando essas élites pensantes e dirigentes a que fiz referência há pouco.

Perante ella, e no firme desejo de resolvê-la, é que a mocidade a que me honro de pertencer tomou a responsabilidade de fazer as suas afirmações políticas.

Sentindo sobre nós o peso de erros colossais que não vêm de ontem, mas de muito longe na vida histórica de Portugal — é bom que saibamos conhecer o que vamos respirar, o solo que vamos pisar no futuro.

*
* *

Não é este porém o momento oportuno para desenvolver um programa de acção ante os olhos do público. Basta que, afirmando a nossa fé na possibilidade de melhorar a vida desta Pátria, dentro do regime republicano, estabeleçamos as peças fundamentais da nossa orientação.

A República, em Portugal, não tomou ainda o caminho que deva levar-nos definitivamente para o mais alto logar a que a nação aspira.

Erro dos políticos? erro do povo? — Erro de todos um pouco.

Não se prepararam, não se tem cuidado de preparar, até ao presente, as condições essenciais para que apareça esse escol de pensadores que lancem o País no caminho do ressurgimento. Sem um plano inteiramente esboçado, desunidos, degladiando-se, aniquilando-se — e deixando-se por fim cair a maior parte dêles, nos braços que lhes estendiam certos interesses económicos, os políticos merecem a severidade do nosso julgamento. A's suas desvairadas atitudes, ao seu esquecimento dos interesses fundamentais do povo — Educação e Economia —, se deve seguramente o desinteresse com que o país olha hoje o regime, e a fuga de elementos valiosos para as fileiras conservadoras. Das disputas e querelas se aproveitaram sabiamente certos dissolventes bacilos sociais, a quem a guerra, perigosa cultura, deu uma virulencia formidável.

E' preciso que o digamos com a maior sinceridade: se há na obra da República alguns factos que a enobrecem e levantam, há infelizmente muitos que mancham os seus políticos. A obra destes tem sido geralmente *desmoralizadora* — e portanto contrária ao princípio fundamental das democracias: a *educação*. E tem sido, em matéria económica e financeira, menos clara e honesta do que poderíamos desejar...

No ramo educativo, sabemos o que aí vai: se exceptuarmos algumas tentativas nobres que não atingiram ainda resultados eficazes, veremos que a política que se tem feito não deu ao povo dos campos, nem mesmo aos das cidades, a preparação intelectual e profissional que exige uma organização democrática. Não há escolas — nem há dinheiro para as erguer. E, quanto à tendência do Ensino, sabemos todos que ella é, tal como em tempos afastados, esta: criar bachareis. O que sai geralmente das escolas? aspirantes à política, funcionários públicos, parasitas da intelligencia. Eis no que deu a Liberdade!... E nós, que somos democratas, temos de lutar para que as novas orientações penetrem no organismo do ensino português. Exigem as nossas condições de vida que surja finalmente essa geração construtiva que saiba aproveitar inteiramente as riquezas inexgotáveis do solo português.

Na ordem financeira, deve o Estado rodear-se de gente honesta, perseguir os viciosos e expulsar os inúteis. E' preciso dominar a vergonhosa especulação que se tem feito com a nossa pobreza. Enquanto alguns banqueiros fecham os seus balanços com milhares e milhares de contos de lu-

cros, todas as classes vêm dia a dia agravar-se as dificuldades da vida, e o Estado vacila sob o peso do *deficit*. E' preciso aniquilar os monopólios, coibir os importadores de materiais inúteis, fomentar o labor agrícola, estimular a indústria portuguesa.

Da estabilidade económica há de provir, cedo ou tarde, a felicidade da nação. Para isso, todavia, é preciso que a política mude inteiramente de caminho. Enquanto houver funcionários que governam o Estado e se governam a si próprios como parlamentares; parlamentares que são a um tempo servidores da finança; e enquanto, sobretudo, uma pequena minoria *demagógica mas não revolucionária*, note-se bem, perseguir os homens que querem pôr a sua intelligencia desinteressada ao serviço da Democracia — a obra não poderá realizar-se.

Recordo, neste momento em que pronuncio a palavra intelligencia, as figuras de tantos que a política republicana não soube utilizar: *Sampaio Bruno*, grande espírito; *Bazilio Teles* a quem se faziam convites que a sua superioridade mental não podia senão recusar. E por último, esta figura tão discutível, mas tão exemplar, de *Teófilo Braga*, morto quasi no esquecimento, louvado por tantos que nunca o leram nem entenderam. Neste país onde tudo se comemora com *feriados*, teremos de assistir a essa coisa irrisória — que é comemorar com dias de descanso e palavras inúteis, uma vida inteira de trabalho incessante.

Tal é a educação que os políticos sabem dar ao povo: Teófilo trabalhou a vida inteira: pois bem — repouzemos um dia, para glória da sua obra!

Tudo isto, que dá — não vontade de morrer, como dizia Herculano — mas vontade de lutar, me força a afirmar que a República tem de intelectualizar-se, apurar a intelligencia, e glorificar-a pelo exemplo. O valôr do *Exemplo* é o maior esteio das doutrinas democráticas. Quando o Estado souber dar à nação o exemplo de trabalho e de sacrifício que esta hora exige, creio bem que teremos entrado no caminho da salvação nacional.

A minha geração defenderá portanto denodadamente a obra educativa que começa a esboçar-se actualmente. Quere que o Estado se depure de inúteis e ociosos; que dê o exemplo das virtudes cívicas que nos faltam; que comprima as despesas *inuteis* e aumente as *produtivas*.

Quere ainda que, na ordem económica, se restrinja a actividade puramente especulativa, — isto é, em termos rigorosos, que se melhore a circulação e estimule a produção;

Que se organizem os interesses sociais de maneira a evitar excessos e carencias; que se fomenta a organização das classes, abandonando o errado principio de que os homens são, economicamente, todos iguais;

Na ordem política que se dê ao parlamentarismo uma nova feição, satisfazendo as reclamações da Intelligencia, pela eliminação do Senado, camara inútil, e pela criação duma Camara de representação técnica, social;

Que se alargue e areje o sistema eleitoral, de forma a fazer votar o maior número possível de cidadãos, a partir dos 18 anos, e a desfazer a burla

miseravel das eleições da provincia, que são ainda hoje como nos tempos da Rainha D. Maria II;

Que se modifique a eleição do Chefe do Estado confiando-a directamente ao povo, ou às classes organizadas, para que êle deixe de ser eleito pelas facções políticas esquecidas dos interesses da nação.

Eis esboçados nestas breves palavras alguns aspectos do pensamento da mocidade republicana. Creio bem que, ao comemorar o movimento republicano que há 33 anos abalou o País, não nos cabia outra missão que não fôsse a de afirmar para o futuro as nossas tendencias e os nossos votos.

Conscientes de que a obra republicana está ainda quasi inteiramente por realizar, dispomo-nos a dar sequencia aos velhos ideais da democracia, integrando-o em fórmulas modernas. Eis a nossa missão.

Quasi todos os erros do Passado vieram da má intelligencia das coisas: que os bens do futuro possam vir atravez dum culto cada vez mais afervorado da Intelligencia e das Ideias.

Resta-me pedir que me sejam perdoadas tantas palavras. Que elas sirvam ao menos para traduzir todo o ardor, toda a confiança com que os nossos espíritos de moços encaram as ideias da democracia. E, se julgais que está em nós um pouco daquela Razão que é «Irmã do Amor e da Justiça» — confiai em que o regime republicano saberá conduzir para os mais altos destinos esta Pátria, tão formosa e tão querida, mesmo quando os seus iilhos a maltratam!

RODRIGUES MIGUEIS.

(Discurso pronunciado pelo actual presidente da direcção da U. M. R., na sessão solene com que esta colectividade comemorou, no Teatro Nacional, o aniversário do 31 de Janeiro).



EDIÇÕES « ARTE »

1.º vol. — VERA VERGANI, por CAMARA REYS, com 16 ilustrações de J. TAGARRO.

Para a tiragem especial desta obra, acham-se inscritos mais os seguintes nomes:

54-Francisco Vilela — 55-Jaime Ferreira — 56-Retylio Andrade — 57-Gustavo de Almeida Araujo — 58-Moreira Santos — 59-Gustavo Mateus Leal — 60-Joaquim Pedro Dias — 61-Alberto Meira — 62-Dr. Santiago Presado — 63-Mário P. da Costa — 64-Adriano da Silva Graça — 65-66-Empreza Portuguesa de Livros Limitada — 67-Salvador Saboia — 68-João da Graça Teles de Lemos — 69-Luís Filipe Pinto Rodrigues — 70-João José Cabrinha Júnior — 71-Pedro Cabral.

EM PREPARAÇÃO:

2.º vol. — CIDADES ANTIGAS, TERRAS MORTAS, pelos mesmos autores.

3.º vol. — AS NOSSAS ACTRIZES.

4.º vol. — LISBOA DO PRAZER E DO VÍCIO.

5.º vol. — RAÚL BRANDÃO.